

Homilia – Domingo do doente

IV Domingo da Quaresma

14 março 2021

«Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amen».

O Evangelho deste domingo apresenta o encontro de Jesus com Nicodemos. Neste diálogo e depois de lhe ter indicado o que é necessário para alguém poder «nascer de novo», o próprio Jesus compara-se com a serpente de bronze que Moisés, por indicação de Javé, colocou no meio do deserto para trazer saúde a quem era mordido pelas serpentes.

«Assim como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado para que todo aquele que acreditar nele tenha a vida eterna.» (S. João 3,14-15)

A expressão «o Filho do Homem seja levantado» remete-nos naturalmente para a crucificação de Jesus na sexta feira santa. Na sua paixão, Jesus é pregado numa cruz e depois de pregado na cruz, a cruz com Jesus, foi levantada para ser vista por todos os que por lá passavam. Deste modo também e suspenso na cruz o seu corpo iria gradualmente asfixiando provocando a sua morte.

A imagem de Cristo levantado, suspenso numa cruz, um corpo preso, torturado e a jorrar sangue, é brutal para a nossa compreensão, chocante mesmo para a nossa sensibilidade. Custa-nos a aceitar e muito mais, temos que o reconhecer, custa-nos a contemplar. Dai a ausência dos discípulos junto à cruz e apenas a presença de um punhado de mulheres e do discípulo amado.

Para muitos que ali passavam, aquele corpo levantado e em agonizante fim, não era mais, do que a expressão plena de um derrotado e o fim de um projeto que se anunciava novo e transformador para a humanidade. Muitos que ali passavam, inclusive, dele troçavam dizendo: *«Se tu és o Rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo».*(Lucas 23,37)

De acordo com as palavras de Jesus, acreditar nele e ter a vida eterna, passa necessariamente por aceitar a cruz como caminho a ser percorrido. Uma mística cristã sul americana referiu e bem: *«para além da cruz de Cristo,*

não encontro que exista mais alguma escada para alcançar o Céu». Verdadeiramente não há Páscoa sem Paixão e sem crucificação e morte de Jesus.

Para o pequeno grupo que permaneceu junto da cruz, aquele corpo ali exposto, não é o corpo de um fracassado, mas antes, um corpo de alguém muito querido que eles interiormente sabem, que se entrega por amor. No sofrimento e no sangue que jorra da cruz, o pequeno grupo de discípulos, percebe uma entrega e uma dádiva voluntária. E nos braços abertos na cruz percebem também um abraçar da humanidade e em particular daqueles que sofrem, dos doentes e das vítimas de sistemas repressivos. Os braços abertos de Cristo na cruz a todos abraçam, hoje como ontem !

Eles percebem, que o que se joga na cruz, é um amor que é capaz de oferecer a própria vida. Um amor coerente com um caminhar de vida anterior. Esta compreensão foi naturalmente progressiva e ainda mais iluminada e fecunda aquando da ressurreição de Jesus. O terem acreditado e confiado em Jesus até ao fim, o terem permanecido junto da cruz, o terem assumido o sofrimento da contemplação da crucificação de Jesus, permite-lhes agora e à luz da ressurreição uma compreensão profunda daquilo que viram e sentiram. Olhar o Cristo elevado na cruz e crer que Ele é o filho único de Deus, abre-lhes, desde logo, o caminho da vida eterna e o assumir da sua condição de filhos e filhas de Deus. O discípulo de Jesus é aquele cujo olhar vai mais além do que a realidade lhe oferece, é um olhar de fé que consegue perceber o amor presente no meio da realidade sofrida do pecado e Deus em cada pessoa que sofre e em cada doente.

No contexto, deste domingo do doente, o Evangelho de hoje, leva-nos, pois, a olhar com muita seriedade e humildade o sofrimento que nos toca na vida e que toca a vida dos outros e em especial a vida de quem está doente. A doença, seja qual for a sua natureza, acarreta sempre sofrimento físico, psíquico e espiritual. À luz da cruz de Cristo, qualquer que seja o nosso sofrimento, Cristo não só o compreende como também nos ajuda a carregá-lo, a vivê-lo e a dar-lhe um sentido. Cristo carrega também as cruces da nossa vida. Lembro-me de uma irmã nossa, membro da Igreja, muito querida, que visitei no hospital e que no meio da sua debilidade e limitação, dada uma idade já muito avançada, me afirmou a sua confiança em Deus, indicando com a cabeça já trémula, uma das paredes da enfermaria na qual se encontrava pendurado um crucifixo. Ali na exigência de um

internamento hospitalar, ela via Cristo levantado na cruz e Cristo acompanhava-a no seu sofrer. E tal só foi possível com um olhar de fé!

Qualquer tempo de sofrimento e de vivência de uma doença, faz-nos crescer humanamente, muitas vezes na descoberta das nossas próprias limitações e conseqüente necessidade dos outros. É um tempo que nos torna, pois, mais humildes e nos ensina a pedir ajuda. E outras vezes, permite-nos alcançar superações e novos modos de estar e compreender a vida que até então nos estavam ocultos. Por isso, o tempo de doença encerra em si mesmo uma oportunidade de crescimento espiritual e humano muito grande. Saber encará-lo a esta luz é um princípio de sabedoria para a vida.

Saber servir e amar os que estão doentes é e em particular neste tempo de pandemia, um caminho sempre novo e libertador que se nos oferece. Quando assim o fazemos, descentramo-nos de nós próprios e em muitos casos da nossa própria doença e sofrimento. Hoje e na sua carta aos Efésios, S. Paulo é claro a este propósito: «*Deus criou-nos para que, em união com Cristo, praticássemos o bem, esse bem que o próprio Deus já tinha destinado para fazermos*». (Ef. 2, 10). Cuidar do doente é cuidar de Cristo. Amar o próximo na sua enfermidade é amar a Deus.

Irmãos, entregar a vida, pouco a pouco, fazê-lo através de pequenos (grandes!) atos de amor e saber fazê-lo no quotidiano da nossa existência, é sem dúvida e desde já, assumir o caminho da cruz o primeiro passo para podermos «*nascer de novo*» tal como Nicodemos. É seguir a Cristo e é também deixar que o poder de Cristo ressuscitado atue em nós e para os outros. Cristo continua hoje a curar de muitos modos e «*em especial fá-lo, através daqueles que dedicaram as suas vidas ao serviço dos doentes, como sejam os ministros cristãos, os médicos, os cirurgiões, os psiquiatras, os enfermeiros e o pessoal hospitalar.*»(LIL p. 275)

No contexto desta pandemia que vivemos e a todos nos afeta, uma palavra pois, de gratidão e de profundo reconhecimento a todos aqueles que de um modo sacrificial tudo tem feito, pelo bem-estar e saúde dos outros e em especial das vítimas do covid. Celebrar o dia do doente é também agradecer aos que deles cuidam. Bem hajam!

E uma palavra também de conforto e de esperança para os que nos estão a escutar e se sentem fragilizados, débeis e doentes.

Irmãos e irmãs, Cristo está convosco! Mantenham-se firmes na fé e alegres na esperança.

Ámen.

+ Jorge